

MENO E A INTERNET: entre a memória e o arquivo*

Howard Caygill

Resumo

O artigo discute a medida em que a Internet oferece a possibilidade de uma compreensão renovada da memória e do conhecimento ou uma versão radicalizada das possibilidades já apresentadas no *Meno* de Platão. Para responder às questões implicadas aqui, o autor sugere duas linhas de significado intimamente entrelaçadas no texto platônico. Uma interpretação mais convencional do *Meno* trata a memória como *container* ao qual teríamos acesso mediante princípios políticos e econômicos já determinados. Paralelamente a essa interpretação, o autor propõe uma perspectiva em que lembrança e conhecimento são produzidos criativamente, inferidos de modo diagonal de elementos disponíveis. Estas duas possibilidades ainda são aquelas com as quais procuraríamos iluminar as possibilidades sociais e políticas da World Wide Web.

Palavras-chave

Meno. Internet. Memória. Arquivo.

MENO AND THE INTERNET: between memory and the archive

Abstract

The article discusses whether the Internet offers the possibility of a new comprehension of memory and knowledge or it only deepens possibilities already present in *Plato's Meno*. In order to respond to the questions here implied, the author suggests two lines of meaning that are intertwined in the platonic text. A more conventional interpretation of *Meno* deals with memory as a container into which we would have access through established political and economic principles. In parallel to this approach the author proposes a

* Tradução de Aécio Amaral.

perspective in which recalling and knowing are creatively produced, inferred diagonally from available elements. Those two possibilities are still the ones with which we would try to illuminate the political and social perspectives of the World Wide Web.

Keywords

Meno. Internet. Memory. Archive.

Reduzir o trabalho de memória a uma técnica de recuperar informações de um arquivo é intrínseco à arte ocidental da memória. Isso é evidente na descrição inaugural da memória que Platão oferece no diálogo *Meno*, o qual empreende um trabalho complexo de memória a fim de reduzir a memória a uma técnica de recordar a partir de um estoque dado de informação. Uma consequência da definição arquivada de Platão é o alinhamento da memória como uma arte ou *techne* de recordar que recupera informação de um arquivo. E como toda *techne* requer uma substância ou material sobre o qual trabalhar e ao qual dar forma, então para a memória é ao passado que se designa o caráter de informação armazenada a ser trabalhada pela arte da memória. A reivindicação de que o material de memória existe anteriormente às técnicas de recordar que lhe são aplicadas é hoje amplamente aceita, ainda que Platão tenha precisado apelar a desvios estranhos de argumento para poder sustentá-la. Na percepção de Platão, a relação arquivada entre a técnica e a matéria da memória é mais complexa do que parece, e em algumas ocasiões é como se a matéria da memória fosse apenas um efeito da aplicação de técnicas de recordar. Na última década, a difícil relação entre a matéria e a técnica de recordar deixou os confins da interpretação platônica e adentrou a cultura contemporânea através da instituição da World Wide Web (WWW). Os debates em torno do futuro desenvolvimento da WWW se concentram sobre a questão de se a Web é apenas uma técnica de recordar a partir de um arquivo global, ou se ela marca o início de uma nova e inventiva relação com o conhecimento, uma relação que está dissolvendo a hierarquia associada ao arquivo.

Os conflitos em torno do futuro da WWW envolvem não só questões técnicas de programação e software, mas também questões políticas mais fundamentais. O potencial libertário da WWW depende em grande medida de sua capacidade de superar as hierarquias de acesso ao conhecimento que

têm tradicionalmente caracterizado o arquivo. A política do arquivo nunca está distante da superfície, como veremos na discussão platônica da memória e sua decisão em favor de um modelo arquivado de memória. De acordo com Aristóteles, em *A Constituição de Atenas*, a instituição do *archon* originou-se na Grécia Antiga, na transição da monarquia para o governo aristocrático, com os *archons*, distintamente dos reis, sendo constitucionalmente obrigados a respeitar o precedente. Ao assumir o cargo, um *archon* tinha de proclamar que 'cada coisa que um homem possuísse antes que ele [o archon] assumisse o cargo, ele deveria continuar a possuir e controlar até que este exercício findasse' (Aristóteles, 1984, p. 101). Para honrar um tal compromisso era necessário preservar registres confiáveis do que 'cada um possuía' no início de cada arcontado [archonate], e estes registres, ou antes, a edificação na qual eles eram armazenados, tornou-se conhecida como o arquivo. É importante lembrar as origens do arquivo no governo oligárquico, porque é característico de tais regimes que as leis sejam públicas, mas não disponíveis para todos. Neste e em casos posteriores, o arquivo estava disponível apenas para aqueles que possuíam a técnica de recordar necessária ao acesso.

Com a disseminação acelerada de uma 'nova' tecnologia de recuperação da informação na forma da **WWW** poderíamos ter a impressão de que a técnica para obter acesso ao arquivo está se tornando disponível para todos, evitando assim as hierarquias que têm controlado o acesso. Aparentemente a visão platônica da memória como uma técnica para recuperar informação de um arquivo está agora finalmente obsoleta. O conjunto de técnicas que constituem a **WWW** e sua base tecnológica nos computadores interligados da Internet parecem prometer uma nova arte de memória, na qual o conhecimento pensado como invenção tecnológica substitui o conhecimento como recordação, e na qual o arquivo figura como um efeito das conexões possibilitadas pelo trabalho tecnológico de memória, ao invés de um dado (e cuidadosamente policiado) estoque de informação. No entanto, também se poderia argumentar que, longe de superar a versão clássica da memória, a **WWW** representa sua apoteose. Talvez a **WWW**, longe de representar um desafio popular às hierarquias clássicas de recuperação do conhecimento, na verdade obtenha sua popularidade ao confirmar estas hierarquias. O questionamento da versão clássica implica colocar em xeque a 'nova' tecnologia, assim como as muitas utopias e distopias sociopolíticas que ela tem provocado.

O modo escolhido para avaliar estas proposições é justapor dois atos inaugurais: a visão clássica da memória em *Meno* e a inauguração da WWW no trabalho de Tim Berners-Lee, associado durante os anos 1980 com o CERN e desde 1993 com o World Wide Web Consortium (W3C) no Massachusetts Institute of Technology (MIT). Esses trabalhos aparentemente sem relação, separados por quase dois milênios e meio, compartilham, todavia, um número de características. Tanto *Meno* quanto a WWW originaram-se da tentativa de elaborar uma arte de memória; ambos exibem a mesma ambigüidade: considerar o conhecimento como recordação a partir de um arquivo e também como o produto da invenção; e, o que não é menos importante, ambos têm tido um impacto extraordinário sobre a organização cultural da experiência e da memória.

Apesar de ser lembrado como um diálogo sobre a memória, a conversação em *Meno* gira em torno da definição da virtude. Como em muitos dos diálogos, *Meno* começa com uma depreciação da reivindicação do personagem Meno, ouvinte do sofista Górgias, de conhecer a natureza da virtude. Sócrates, que se proclama “uma pessoa esquecida” (Platão, 1961, p. 70d), solicita a Meno um número de descrições de atos virtuosos, os quais o deixam descontente. Ele não quer ouvir sobre os vários tipos de virtude, mas sim conhecer o “caráter comum que as toma virtudes” (72c). Ele ilustra esta exigência metodológica por meio de metáforas traçadas predominantemente a partir da geometria. Sócrates admite que o ‘círculo’ e a ‘reta’ são formas geométricas, mas quer conhecer a definição de forma comum a ambas. De modo característico, a questão lógica do que é comum a diferentes formas (ou atos virtuosos) toma-se a questão ontológica da essência da forma ou da virtude. Diante da nova insistência de Sócrates em saber o que é a virtude, Meno declara-se contagiado por sua perplexidade, e é neste ponto que o diálogo se volta à exploração da memória.

Meno está desconfiado de uma inconsistência na reivindicação de Sócrates de não saber o que é a virtude e sua disposição para empreender uma “investigação e inquirição conjuntas” sobre sua natureza. Meno, como bom discípulo do sofista Górgias, protesta: “Como você irá procurar alguma coisa se você não sabe minimamente o que ela é?” Com tranquilidade, Sócrates identifica esta objeção com o sofisma: “um homem não pode tentar descobrir o que ele conhece ou o que ele não conhece. Ele não procuraria o que ele conhece, pois uma vez que ele conhece não há necessidade para

investigar, nem o que ele não conhece. pois neste caso ele sequer sabe o que deve procurar" (80e). Neste ponto um número de opções abre-se para Sócrates: ele pode argumentar que nada é conhecido, ou que tudo é conhecido, ou que a busca pelo conhecimento é ela própria inventiva, capaz de descobrir o que era previamente desconhecido. Ele opta, talvez surpreendentemente, pela segunda solução - nomeadamente, que tudo já é conhecido, com a condição de que muito do que é conhecido é esquecido e tem que ser recordado.

As motivações que informam esta escolha são complexas, e podem remontar aos argumentos de Pitágoras em favor da imortalidade da alma, já arriscados no *Phaedo*. A alma conhece tudo de suas vidas prévias, mas esqueceu; ela tem uma memória virtual que pode ser reativada pela busca do conhecimento, "pois investigação e aprendizado não são nada mais que recordação" (81d). A memória é, portanto, um estoque de conhecimento disponível para todos aqueles que estejam preparados para se submeter à disciplina da arte da memória. uma atividade que toma a forma de uma iniciação religiosa. Sócrates ilustra isto por meio de uma das mais celebradas passagens dos diálogos platônicos - a descoberta de que o jovem escravo sem nome tirado da multidão de servos de Meno já possuía o conhecimento do teorema de Pitágoras.

A passagem do jovem escravo é o núcleo do diálogo (indo de 82b a 86b) e objetiva demonstrar (apesar de Sócrates não "querer fazer um juramento acerca da estória toda") que "a alma sempre esteve em um estado de conhecimento" e que a "realidade está sempre em nossa alma" (86b), ainda que tenha sido esquecida. O ato de requisitar ao jovem escravo o teorema de Pitágoras, o qual ele ignorava, é usado para mostrar que ele sempre possuiu este conhecimento, mesmo o tendo esquecido. Sua recuperação deste conhecimento através de uma arte metódica de memória consistiu na ativação de uma memória virtual. Entretanto, o episódio não é exatamente o que parece, e convida a outras interpretações que minam a versão dominante do evento, que provaria a existência não apenas da alma, mas também de um estoque objetivo de memória. A recordação do jovem escravo também pode ser lida como um ato de invenção, ou o uso de uma tecnologia (a técnica maêutica) para produzir um novo efeito.

Sócrates conduz o jovem escravo por meio da técnica de resolver o problema geométrico de produzir um quadrado de duas vezes a área de um dado quadrado, um problema cuja solução requer o conhecimento do teorema

de Pitágoras, de que o quadrado da hipotenusa de um triângulo reto é igual à soma dos quadrados dos dois lados restantes. O jovem escravo é bem-sucedido, e a audiência e Meno são convencidos da verdade da proposição de Sócrates de que o conhecimento do teorema sempre esteve presente na memória do jovem escravo, e precisava apenas ser recordado. Porém, um olhar mais atento sobre o modo pelo qual Sócrates requisitou a memória do jovem escravo revela uma estrutura complexa de condições culturais para seu trabalho de memória.

A primeira condição é certamente a relação entre senhor e escravo. Meno ordena que seu escravo responda às questões de Sócrates. Ele é então convocado a apresentar-se como uma 'ferramenta falante', na definição aristotélica do escravo, alguém cujo trabalho é responder de uma maneira agradável ao antigo de seu senhor, respondendo suas questões de um modo satisfatório. A cena da recordação é interpretada [*played*] para o benefício de Meno, a quem se recomenda "ouvir cuidadosamente e ver" (82h): o escravo é usado como um mero meio cuja participação é involuntária, ele não é nomeado, e existe a partir do diálogo sem mais reconhecimento. A segunda condição para o exercício da arte de memória no diálogo é a 'conectividade' ou a existência de uma linguagem comum entre Sócrates e o jovem escravo, neste caso a língua grega. Se o escravo fosse um bárbaro, teria sido impossível para Sócrates fazê-lo recordar: portanto, uma linguagem comum é uma condição técnica essencial para obter acesso ao arquivo de memória. No entanto, a arte de recordar o que é e o que não é conhecido não é unicamente realização de uma tecnologia linguística - o que a tomaria uma forma de hermenêutica - mas é suplementada pela tecnologia visual da geometria. O método maêutico é tanto oral quanto visual: ele procede por uma combinação de diálogo e inscrição.

A linguagem não é a única tecnologia de recuperação utilizada para requisitar a memória do jovem escravo - a outra é a então nascente tecnologia de construção geométrica. O uso por parte de Sócrates da prova geométrica antecede a codificação euclidiana da geometria grega inicial em *Elementos de Geometria*, e antecipa muitas de suas pressuposições técnicas. Os axiomas, noções comuns e postulados são estabelecidos através de uma combinação de diálogo e inscrição geométrica. Sócrates começa pedindo ao jovem que aceite nomear a figura que ele desenhou na areia como um quadrado, e apontando para ela pede-lhe para reconhecer seus quatro lados iguais. Com

isto, ele introduz os axiomas da igualdade, linhas paralelas, assim como a noção comum dos lados iguais de um quadrado. Ele então postula que as linhas horizontal e vertical que se encontram no centro também são iguais. Em seguida à aceitação do postulado pelo jovem escravo, Sócrates indica valores numéricos para os lados do quadrado, e passa a mostrar, sempre com a ajuda do jovem escravo, que duplicando-se o comprimento do lado a área da figura quadruplica.

Sócrates afirma, ao seguir esta linha de demonstração, estar requisitando a recordação do jovem escravo. O que realmente acontece é um movimento sutil através dos fundamentos da geometria, que se apóia no estabelecimento de conexões entre discursos diversos de modo a inventar conhecimento novo. As primeiras conexões estabelecidas são entre a figura visual do quadrado e certas palavras tais como 'linhas', 'lados' e 'igualdade': estas são então suplementadas por conexões com conceitos geométricos, tais como grandeza, pequenez, ou direcionalidade, e então estas são, por sua vez, traduzidas em conceitos e operações aritméticas tais como número, adição e multiplicação. Estas conexões são estabelecidas, e ocultadas, por meio de elisão metodológica da linguagem e da inscrição - exigência de Sócrates da aprovação oral dos conceitos e proposições conectadas à figura desenhada.

Depois de estabelecer estas conexões complexas - as quais organizaram o conhecimento existente do jovem escravo de espaço, quantidade e aritmética produzindo novas combinações - Sócrates passa ao problema de descobrir um quadrado com duas vezes a área de um determinado quadrado. A esta altura o jovem escravo está perplexo e 'paralisado como uma arraia'. Ele conseguiu seguir a reconfiguração de Sócrates da aritmética e da geometria, mas não conseguiu dar a esta reconfiguração um uso criativo. Sócrates então apaga a figura original e começa novamente, desta vez dividindo o quadrado diagonalmente. Ele então desenha o *gnomon* - ou quadrados nos lados adjacentes do triângulo original mais um terço - reproduzindo o quadrado com duas vezes os lados e quatro vezes a área. Cada um destes quadrados é dividido diagonalmente, e demonstra-se que o quadrado construído pelas quatro diagonais forma quatro metades do quadrado original, ou duas vezes sua área. O jovem escravo, mais uma vez, movimenta-se pelas conexões entre a inscrição geométrica, a linguagem que descreve suas propriedades e a matemática. Ele observa a figura e concorda que há duas metades no original e quatro metades no novo quadrado formado pelas diagonais; ele então

concorda **que** quatro é igual a duas vezes dois e **que** a nova figura é o desejado quadrado com duas vezes a área do original.

O jovem escravo é dispensado e Sócrates discute a moral do exercício com Meno. As opiniões expressas foram as visões pessoais do jovem escravo - ele, portanto, possuía estas opiniões sem o saber. Suas opiniões geométricas 'recém-adquiridas' ainda 'guardavam um aspecto **de** sonho', mas estas **se** tomariam mais precisas, na medida em que suas **recordações** se tomassem conhecimento. O conhecimento foi **recobrado** a partir da memória, levando Sócrates a concluir que

Então. ou ele adquiriu em algum momento o conhecimento que agora tem. ou ele sempre possuiu este conhecimento. Se ele sempre o possuiu. deve sempre tê-lo sabido; se. por outro lado. ele o adquiriu em algum momento anterior. não poderia ter sido nesta vida. a menos que alguém lhe tivesse ensinado geometria. Ele se comportará do mesmo modo com todo conhecimento geométrico e qualquer outro assunto. (81d1).

Partindo da demonstração com o jovem escravo, Sócrates argumenta que a memória é similar a uma reserva ou estoque de onde o conhecimento pode ser recuperado através da **recordação**. Com isto, ele inventou uma metáfora para a memória que se revelou extremamente persuasiva e influente na cultura ocidental. Esta metáfora pode ser descrita como um **modelo** arquivado de memória, relacionado à emergência de arquivos de base-texto e seus guardiões, os *archons* oligárquicos, nas **idades-Estado** gregas. Neste modelo, a memória é uma reserva, e a **recordação** é a recuperação da informação de dentro desta reserva. Contudo, há uma inconsistência entre o método de Sócrates e sua conclusão.

O método pelo qual Sócrates conduz sua conversação com o escravo - estabelecendo conexões laterais entre corpos diversos de conhecimento e, portanto, retrabalhando o teorema de Pitágoras - efetivamente obscurece a conclusão hierárquica da demonstração. A experiência de Meno pode ser entendida **sem** recorrer à visão da memória como uma reserva à qual podemos ter acesso através da técnica de **recordação**. Ao invés de a memória ser entendida como um domínio ao qual temos **que** descer para trazer de volta objetos de conhecimento, ela pode ser entendida lateralmente em termos das

conexões ou trilhas entre diferentes configurações de experiência existentes. O que Meno descobre, segundo esta última visão, não é o teorema de Pitágoras que já existia em sua memória e precisava ser trazido de volta, mas um conjunto de novas trilhas entre o que ele já conhecia de linguagem, forma e aritmética. Sua perplexidade não era de alguém que acorda e ainda permanece como em um sonho – como Sócrates afirmou (estabelecendo a conexão entre o domínio dos sonhos e o domínio do conhecimento, uma relação que persistiria até Freud) –, mas antes de alguém que está perdido em uma nova trilha. Nesta leitura do diálogo, o potencial para o novo conhecimento que Sócrates procura no fundo da memória existe na verdade nas novas conexões que podem ser descobertas entre padrões de experiência existentes.

O jovem escravo em *Meno* pode fornecer uma resposta à questão da memória diferente daquela proposta por Sócrates. Não é que haja uma reserva de memória à qual ele obtém acesso por meio da linguagem e da demonstração geométrica, mas, antes, que a memória é o nome dado ao efeito peculiar de descobrir novas e produtivas conexões entre configurações existentes. No caso do jovem escravo, as novas conexões entre linguagem, geometria e aritmética produzem o objeto do teorema de Pitágoras - a invenção do teorema (sua descoberta e criação) apresenta o caráter peculiar de ser tanto nova quanto já conhecida, um efeito descrito de maneira imperfeita por uma outra conexão com a experiência de memória. Mesmo nas mais sofisticadas 'artes de memória' renascentistas, a conclusão socrática é preferida ao método; as relações complexas que constituem a arte de memória são sempre orientadas unilateralmente - o complicado repertório de símbolos mnemônicos sempre se refere para baixo, para as profundezas arquivais da memória, e não através das relações complexas que existem entre determinados corpos de conhecimento.

A tensão entre os dois entendimentos da memória - uma como uma reserva a ser recuperada pela arte de memória, a outra como o efeito de uma relação entre configurações de conhecimento existentes que potencialmente transforma seu campo inteiro - é recorrente na reconfiguração da memória levada a termo recentemente pela tecnologia mnemônica da WWW. A ambigüidade inaugural presente em *Meno*, entre memória como estoque ou como o efeito de uma combinação de tecnologias discretas de recuperação, atua nas operações da WWW. De fato, informa as tecnologias *hard e soft* da Web, e está rapidamente se tornando naturalizada. Para reconhecer esta

ambigüidade é útil rever o desenvolvimento da tecnologia de *software* que governa a WWW desde suas origens como mnemónica ou 'arte de memória' por seu inventor, Tim Berners-Lee.

O avatar do sistema operacional para a Internet, rotineiramente usado por milhões de pessoas, foi um programa mnemónico pessoal elaborado por Tim Berners-Lee no início dos anos 1970. Apesar de Berners-Lee ter chamado o programa de 'Enquire' tendo como referência uma enciclopédia infantil, *Enquire within Upon Everything You Need To Know*, sua organização tinha muito pouco em comum com o sistema alfabético de acesso utilizado em enciclopédias. Berners-Lee é claro quanto ao fato de a WWW ter se originado neste primeiro programa, quando diz em *Frequently Asked Questions* (FAQ) que ele "chegou à Web por causa do programa Enquire" e ao descrever isso em sua biografia como tendo lançado "a base conceitual do desenvolvimento futuro da WWW". A chave para a organização conceitual do 'Enquire' era um sistema de conexões laterais, não-hierárquicas entre ramificações arbitrárias. Berners-Lee descreveu o programa como

algo que eu achei realmente útil por manter um registro de todas as associações aleatórias que se podem encontrar na vida real, e o cérebro supostamente deve ser eficiente em lembrar. mas algumas vezes o meu não funciona assim. Era muito simples. mas eu poderia identificar aquelas associações que algumas vezes se desenvolvem até formar estruturas quando idéias se conectam e projetos diferentes se envolvem entre si. (FAQ, março. 1995).

O programa operava de acordo com o método mnemónico seguido por Sócrates em *Meno* - estabelecendo ligações entre diferentes formas de conhecimento e permitindo que um novo objeto de conhecimento emergisse -, ao invés de facilitar o acesso a um determinado arquivo.

O modelo de memória que informa 'Enquire' é inventivo ao invés de reprodutivo, preocupado em produzir, assim como em recuperar informação, Berners-Lee também descreveu o programa como "um livro de notas hipertextual que eu fiz para meu uso pessoal", mas parece que a organização conceitual de ramificações arbitrárias conectadas foi desenvolvida independentemente das teorias do hipertexto de Ted Nelson dos anos 1960 e 1970. Em 1980, Berners-Lee chegou ao CERN num contrato de curta duração

e começou a aplicar 'Enquire' ao ambiente complexo de pesquisa que ele encontrou lá. Ele viu a possibilidade de adaptar seu sistema mnemónico pessoal ao ambiente complexo de um instituto de pesquisa em física nuclear, caracterizado por uma comunidade cambiante e internamente complexa de pesquisadores. Um sistema centralizado e hierárquico de catalogação dos resultados dos vários projetos de pesquisa empreendidos no Centro implicaria um grande desperdício de informação, assim como a interrupção de novas conexões emergentes entre vias de pesquisa aparentemente diferentes. Mais tarde, utilizando novamente o termo hipertexto, Berners-Lee notou que esse programa era capaz de "modelar uma mudança de relações emaranhadas que caracterizavam a maioria dos ambientes reais que eu conheci (e certamente o CERN)" (FAQ). O sistema foi inicialmente adotado para modelar os fluxos dinâmicos e imprevisíveis de informação no Centro - "Eu achei que precisava dele para manter registro - como direi, flexível", criativo? - do modo como novas partes do sistema, pessoas e módulos eram adicionados" -, embora mais tarde as implicações inventivas desta forma de criar uma memória institucional tenham sido reconhecidas e desenvolvidas.

Um momento chave na transição do sistema mnemónico - primeiro pessoal e depois institucional- 'Enquire' ao sistema mnemónico global WWW foi o *papa* do CERN 'Information Management: A Proposal', de 1989, implementado em 1990 com o nome 'World Wide Web'. O texto começa com um diagnóstico do problema de perda de informação (memória) que atligia o CERN, e os modos possíveis de lidar com a entropia informacional característica de instituições complexas. No *papa*, Berners-Lee rejeita os sistemas clássicos de recuperação de informação (ou sistemas mnemónicos) tais como árvores hierárquicas e palavras-chave, e recomenda o uso do hipertexto, dessa vez com total referência ao trabalho de Ted Nelson. Entretanto, o alcance do uso por Berners-Lee do hipertexto excedeu de longe os confins do CERN e foi direcionado para a Internet como um todo. Seu sistema operacional, baseado na gramática do HTML (Hyper Text Meta Language), URL (Uniform Resource Location) e HTIP (Hyper Text Transfer Protocols), prometia realizar a implementação global do hipertexto que tinha escapado a Ted Nelson e ao projeto Xanadu.

No entanto, a implementação da WWW foi alcançada ao custo de uma redução radical das ambições originais do hipertexto. A WWW atingiu a meta de 'Interoperacionalidade' oferecendo uma linguagem capaz de transferir

documentos entre a rede global de computadores que constituem a Internet, mas a expensas de outras possibilidades. Pode-se argumentar que a WWW perdeu o aspecto inventivo do hipertexto, tomando-se um sistema arquivado de recuperação de informação de um estoque existente. Talvez por esta razão ela atraiu imediatamente interesses corporativos, ou aquilo que Berners-Lee descreveu como o apoio crucial do comércio em 1992. Não há discordância intrínseca entre comodificação e hipertexto, inclusive a visão original de Ted Nelson da operação de hipertexto global foi de um sistema intensamente comodificado de troca de informação - produzindo um mercado de memória - autônomo em relação ao Estado, mas amarrado às relações de troca no mercado. A posição de Berners-Lee é mais radical e ambígua, como se evidencia em seus pensamentos mais recentes sobre o desenvolvimento futuro da WWW, que tentam recuperar o aspecto inventivo do hipertexto, enquanto mantém sua autonomia em relação ao mercado e ao Estado.

Berners-Lee (1995b) vê o desenvolvimento futuro da WWW na intensificação das possibilidades inventivas do hipertexto. Ele é bastante crítico das limitações do programa atual, dizendo que "No momento a Web é muito mais caracterizada pela recepção. Os mecanismos de busca [*browsers*] procuram de modo aleatório [*browse*] e o único controle real que você tem é clicar." Este é um modelo ideal para transações de mercado "emitindo informação para uma grande audiência", à qual a audiência pode responder com um click significando uma compra, mas isto está longe do 'meio coletivo' imaginado por seu criador. Por conseguinte, ele não compartilha a preocupação exclusiva dos patrocinadores de corporações da WWW com segurança, mas está interessado em estendê-la de modo a tomá-la um meio mais interativo e inventivo. Berners-Lee espera intensificar o grau de interação característico da WWW - escapando às restrições do click e introduzindo a "habilidade para anotar, interagir, atualizar informação" - e removê-la do modelo de consciência humana, automatizando sua operação através do uso mais extensivo de robôs. As últimas 'ferramentas falantes' procurarão na Web conexões novas e emergentes, contribuindo assim para a invenção da memória de uma maneira muito similar àquela do jovem escravo de Meno.

Os obstáculos enfrentados por tais desenvolvimentos da WWW são substanciais e podem ser identificados na resistência imposta pelo mercado e pelo Estado. As implicações comerciais da WWW são consideráveis, e exigem um envelope de segurança para permitir que as transações tenham lugar. Para

as necessidades do comércio, não há necessidade intrínseca de tomar a WWW mais interativa - bastaria expandir o atual modelo operacional de recepção para mais receptores/consumidores. Isto contém o perigo, reconhecido por Berners-Lee, de a WWW expandir a comodificação para uma escala mundial e criar um mercado global/monocultura:

A maioria das culturas têm uma base geográfica. Se você retira a geografia natural, uma monocultura, na qual todos no planeta assistiriam a comerciais da McDonalds, poderia se desenvolver. E se a monocultura se tornar fascista? A alternativa é que você finde por ter nichos de grupos especiais de interesse ou 'comunais intelectuais'. (1996).

A segunda área de risco vem do Estado e toma a forma de censura e, mais insidiosamente, da lei de propriedade intelectual. A opção da censura é tecnicamente difícil e atualmente tem sido anulada pela suprema corte dos Estados Unidos. Porém, a questão da propriedade intelectual é mais problemática. No núcleo do hipertexto está a idéia de conexões entre documentos - se um direito de propriedade intelectual for estendido a uma conexão em um hipertexto, então o sistema como um todo estará sob ameaça. A resposta de Berners-Lee a estes problemas é propor uma constituição para a WWW, inaugurando uma 'Web da confiança'. Isto toma a forma de uma nova cultura - "nós temos que desenvolver uma cultura para ajudar as pessoas a apreciarem como estas ferramentas mudam a maneira como a informação é organizada, como o trabalho é organizado, como a vida é organizada" (A4). Isto é nada menos que uma nova cultura de memória, na qual a memória não está mais situada em lugares específicos ou acessíveis de acordo com a mnemônica tradicional, nem é mais um estoque ao qual é necessário obter acesso, com todas as hierarquias de controle que isto implica.

As tensões na arquitetura da World Wide Web entre a invenção e a recordação da memória remetem àquelas presentes em *Meno*. A implicação do método socrático é que o conhecimento é inventado e pode ser produzido por todos, até mesmo um jovem escravo: ele é relacional, o produto de conexões, e não parte de uma matéria ou um item de informação que tem que ser recordado. O método socrático questiona as conclusões oligárquicas e arquivais às quais ele se dirige. Isto não é tão surpreendente, uma vez que a recordação é apenas um exemplo discreto dos casos mais gerais de conexão

Howard Caygill

- é uma conexão orientada unilateralmente para uma rede definida de objetos ao invés de outras conexões. Tal definição restrita de conexão é crucial para o governo oligárquico, uma vez que permite controlar não apenas todo acesso à informação, mas também toda capacidade para inventar novas conexões e, em última instância, novas formas de conhecimento e novas distribuições de poder. E se os *archons* de hoje regulam as tensões dentro das oligarquias corporativas e políticas ao invés daquelas tensões dentro da aristocracia da cidade-Estado, seu modelo de regulação, pela via da limitação do trabalho de memória para a recordação controlada a partir de um arquivo inviolável, permanece estranhamente similar.

Referências

ARISTÓTELES. 1984. *The Athenian Constitution [A Constituição de Atenas]*. Trans. P. J. Rhodes. Harmondsworth: Penguin.

BERNERS-LEE, Tim. 1989. Information management: a proposal. [<http://www.w3.org>]

_____. 1994. ECHT 94 Keynote Address. Entrevista de Walter Vaunini, World Wide Hypermedia.

_____. 1995a. *Frequently asked questions*. [<http://www.w3.org/pub/WWW/People/Berners-Lee/FAQ.html>]

_____. 1995b. Wade Roush Interview. *Technology Review*, April.

_____. 1996. John Landry Interview. *PC Megabyte On Line*, 30 May.

PLATÃO. 1961. *Meno*. In: *The collected dialogues of Plato*. Edith Hamilton and Huntington Cairns (ed.). Princeton, NJ: Princeton University Press.